



NOBEL DA PAZ

Prêmio à guerreira pelas mulheres do Irã

Comitê Norueguês concede a honraria à jornalista e ativista iraniana Narges Mohammadi, pelo combate à opressão por parte do regime teocrático islâmico. Marido fala ao **Correio** e aposta que medalha deve colocar mais pressão internacional sobre Teerã

» RODRIGO CRAVEIRO

Presas 13 vezes, condenada em cinco ocasiões e sentenciada a 31 anos de detenção, além de 154 chibatadas, Narges Mohammadi esteve trancada em uma cela da Prisão de Evin, em Teerã, enquanto os gêmeos Ali e Kiana cresciam. Há oito anos, não vê os filhos e o marido, Taghi Rahmani (**leia Depoimento**). Ontem, a jornalista e ativista de 51 anos tornou-se a 19ª mulher e a segunda iraniana a receber o prêmio Nobel da Paz.

“Mulher, vida, liberdade. O Comitê Nobel Norueguês decidiu conceder o Nobel da Paz 2023 a Narges Mohammadi por sua luta contra a opressão às mulheres no Irã e pela promoção da liberdade e dos direitos humanos para todos”, disse Berit Reiss-Andersen, diretora do Comitê, ao anunciar a escolha. “Sua luta corajosa veio com um tremendo custo pessoal. (...) A senhora Mohammadi ainda se encontra na prisão, enquanto falo.”

Berit lembrou que, em setembro de 2022, a jovem curda iraniana Masha Jina Amini foi morta sob custódia da Polícia da Moralidade. “Seu assassinato iniciou os maiores protestos políticos contra o regime teocrático islâmico, desde sua ascensão ao poder, em 1979. Sob o slogan ‘Mulher, vida, liberdade’, centenas de milhares de iranianos tomaram parte em protestos pacíficos. (...) Cerca de 22 mil foram detidos e mantidos sob custódia. Esse lema expressa, adequadamente, a dedicação e o trabalho de Narges Mohammadi”, acrescentou a diretora do Comitê Nobel Norueguês.

Por telefone, Taghi Rahmani contou ao **Correio** que, até a noite de ontem, a esposa não tinha ideia da premiação. “As prisioneiras no Irã não têm acesso ao telefone no fim de semana iraniano, que ocorre quinta e sexta-feira. Amanhã (hoje) pela manhã, ela irá telefonar para familiares no Irã e saberá.”

Ativismo e cárcere

O ativismo de Mohammadi surgiu na década de 1990, quando ela era estudante de física. Depois de concluir os estudos e de trabalhar como colunista de jornais reformistas do Irã, ela se envolveu, em 2003, com o Centro dos Defensores dos Direitos Humanos, em Teerã, fundado pela advogada Shirin Ebadi, laureada com o Nobel da Paz no mesmo ano. Hoje, Mohammadi é vice-presidente da ONG.

Narges foi presa pela primeira vez em 2011 por ajudar prisioneiros políticos e familiares. Dois anos depois, levantou a voz contra a pena de morte e tornou a ser detida em 2015. No ano passado, ao tomar conhecimento da revolta popular contra o uso do *hijab* (véu islâmico), que passou a ser um grito de liberdade, assumiu o movimento de dentro da Prisão de Evin, em Teerã.

O governo do Irã denunciou a decisão do Comitê Nobel Norueguês como “tendenciosa e política”. Segundo a chancelaria, a jornalista “foi considerada culpada de reiteradas violações da lei e cometeu atos criminosos”. Por meio de um comunicado, o presidente dos EUA, Joe Biden, pediu a Teerã que liberte a Nobel da Paz “imediatamente”. “Este prêmio é um reconhecimento de que, embora atualmente esteja detida injustamente na Prisão de Evin, o mundo ainda escuta a voz de Narges Mohammadi pedindo liberdade e igualdade”, afirmou.

“No momento em que tantos protestam pela liberdade, mulheres são mortas, feridas, cegas, forçadas ao exílio e aprisionadas, e tantos ativistas dos direitos humanos intimados a ficarem em silêncio, o Nobel é uma mensagem incrível de solidariedade. Também é um reconhecimento ao fato de que não devemos deixar de qualificar o que acontece no Irã como um ‘apartheid de gênero’”, disse ao **Correio** a iraniana Roya Bouroumand, cofundadora do Centro Abdorrahman Boroumand pelos Direitos Humanos no Irã.

Para ela, o movimento “Mulher, vida, liberdade” é uma boa descrição

Fundação Narges Mohammadi/AFP



Narges Mohammadi é a segunda iraniana a receber a honraria: presa, ela deverá receber a notícia hoje

Eu acho...

Arquivo pessoal



Masih Alinejad, ativista de direitos humanos iraniana exilada em Nova York

“Esse prêmio é um tapa no rosto do regime de Ali Khamenei, que declarou guerra ao seu povo. Espero que o Nobel encoraje os líderes ocidentais a pararem de legitimar o regime de apartheid de gênero no Irã. Mas o prêmio real virá quando derrubarmos a República Islâmica.”

Peter Berntsen/AFP



Mahmood Amiry-Moghaddam, porta-voz da ONG Iran Human Rights

“O Nobel da Paz é o reconhecimento da luta diária do povo iraniano pelos seus direitos humanos fundamentais. Este prêmio inspirará todos os defensores dos direitos humanos e o povo iraniano a continuarem a sua luta. Nossa voz foi ouvida pelo mundo.”

Depoimento

“Ela será a voz do povo”

Thomas Samson/AFP



“O Nobel da Paz é muito importante para nós, ante a situação atual no Irã. Narges será a voz do povo iraniano ao redor de todo o mundo, especialmente as mulheres. Acho que isso colocará o Irã no foco, e as pessoas poderão ver o que realmente acontece dentro desse país. A República Islâmica tem lutado contra o seu próprio povo. E as pessoas estão lutando de volta, reagindo.

A República Islâmica tem colocado muita pressão sobre as mulheres, especialmente sobre as pobres, e sobre as diferentes culturas no Irã. Narges será a voz de todas essas pessoas. O Nobel colocará o Irã sob os holofotes. As pessoas ao redor do mundo passarão a saber mais sobre o Irã. Vocês, brasileiros, podem entender muito bem isso, pois lutaram contra uma ditadura.

É a terceira vez que Narges era indicada ao Nobel. Neste ano, enquanto o movimento das iranianas ocorre, ela tem falado muito sobre as mulheres no Irã. Mas nós não tínhamos certeza, até o último minuto. Fiquei muito surpreso.”

Taghi Rahmani, 64 anos, jornalista iraniano, marido de Narges Mohammadi

do ativismo de Mohammadi.

“Narges tem sido o pilar de uma das organizações de defesa dos direitos humanos mais antigas do Irã, o Centro dos Defensores dos Direitos Humanos. Ela também trabalha contra a discriminação de gênero. Narges não é elitista e

notacada pessoa ao seu redor que esteja sofrendo”, acrescentou.

Bouroumand teve a chance de entrar em contato direto com Mohammadi. “Ela é uma mulher muito corajosa, bastante articulada e emocionalmente forte. Experimentou tremendo sofrimento

físico e mental, e foi separada dos filhos, hoje com 17 anos. O que gosto nela é o coração bom e sincero.”

O iraniano-austriaco Kamran Ghaderi, 59 anos, esteve mais de sete anos detido também na Prisão Evin, em Teerã, onde foi torturado. Ele vê o Nobel como

um símbolo importante para os iranianos. “É um sinal de que a comunidade internacional reconhece a oposição no Irã e o papel das mulheres como líderes do movimento em prol dos direitos humanos”, afirmou à reportagem.

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Vazio oportuno na primeira fila

O Brasil exerce em outubro seu mandato de um mês na presidência do Conselho de Segurança (CS) da ONU em uma conjuntura internacional que se apresenta como oportunidade para ocupar espaços abertos. A guerra na Ucrânia, no momento a questão mais crítica para a paz e a segurança internacionais — preocupações centrais do CS —, passa por um momento em que os EUA e alguns aliados europeus se veem às voltas com desafios políticos domésticos. Uma janela se abre para que o governo Lula coloque na pauta aquele que tem sido seu mantra: discutir saídas para o conflito, em lugar de iniciativas que possibilitem a alguma das partes a vitória militar.

É sintomático que o tema não esteja no foco dos mais de 30 eventos programados para o período. Ostensivamente, a diplomacia brasileira optou por levar ao palco central do sistema

multilateral preocupações elencadas pelo presidente na intensa agenda externa que cumpriu nos primeiros nove meses do atual mandato: crise climática e desenvolvimento sustentável; desigualdades entre países e classes sociais; violência contra a mulher e questões de gênero.

Será uma espécie de ponte entre as intervenções na cúpula do G20 e na Assembleia-Geral da ONU, por um lado, e a presidência rotativa do próprio G20, que será efetiva a partir de dezembro. Para o segundo ano à frente do Planoalto, Lula e o assessor especial Celso Amorim apostam na plena reinserção do país no cenário global.

Teresa Batista

Pela perspectiva do governo ucraniano, o relativo arrefecimento dos debates sobre a guerra coincide com os

resultados militares acanhados da contraofensiva iniciada em junho — e com “prazo de validade” já próximo de expirar, com a entrada no outono, antessala para o inverno (no Hemisfério Norte). O principal reflexo desse diagnóstico está na relutância de importantes aliados em manter o volume da ajuda financeira e do fornecimento de material bélico, após mais de ano e meio de combates.

A recente eleição na Eslováquia deu vitória a uma coalizão simpática a Moscou, cuja campanha sinalizou claramente para a suspensão dos envios a Kiev. O tema está em pauta também na Polônia, que vai às urnas no próximo fim de semana, e ronda as capitais de outros países europeus igualmente membros da Otan.

Um diplomata familiarizado com os vaivéns políticos na aliança atlântica recorreu como imagem ao título um

famoso romance de Jorge Amado, “Teresa Batista cansada de guerra”.

América primeiro

Mais preocupantes, para o presidente Volodymyr Zelensky, são os indícios de que os EUA, até aqui a força motriz da resistência às tropas russas, ameaçam entrar em um daqueles períodos em que o establishment político se volta para imbroglies internos, baixa as portas para clientes externos e exhibe a placa “fechado para balanço”.

O presidente Joe Biden, objeto de um processo de impeachment aberto pela maioria republicana (de oposição) na Câmara dos Deputados, tem dificuldades para incluir no orçamento para o próximo ano fiscal a dotação bilionária que pretendia para apoiar Kiev. A situação no Capitólio se complicou com a inédita deposição do presidente da Câmara — um republicano —, articulada pela ala da maioria afinada com o ex-presidente Donald Trump.

Este, por sinal, foi citado por

correligionários como opção para assumir o posto — uma solução igualmente sem precedentes, mas admissível pela Constituição dos EUA. Pré-candidato ostensivo à Casa Branca na eleição de 2024, embora responda a vários processos, Trump volta a ensaiar o lema vitorioso em 2016: América (EUA) em primeiro lugar.

Tente outra vez

Mesmo no terreno simbólico e político, Zelensky vem de engolir um desgosto no anúncio do Prêmio Nobel da Paz. Cotado entre os candidatos mais fortes, o presidente ucraniano perdeu a vez para a ativista iraniana Narges Mohammadi, presa por sua militância em favor dos direitos das mulheres sob o regime islâmico.

Para Vladimir Putin, ao contrário, a decisão do Comitê Nobel trouxe satisfação dupla. Além do nêmesis ucraniano, foi preterido o opositorista russo Alexei Navalny — que, como a laureada, cumpre pena de prisão.